

OS GÊNEROS ORAIS NO PROGRAMA LER E ESCREVER DO ESTADO DE SÃO PAULO

THE ORAL GENDERS IN THE STATE OF SÃO PAULO READING AND WRITING PROGRAM

Juliana Bacan ZANI
(Universidade São Francisco)
julianabzani@ig.com.br

Luzia BUENO
(Universidade São Francisco)
luzia_bueno@uol.com.br

Resumo: Este artigo tem o objetivo de investigar o trabalho com gêneros orais, nos livros do Programa Ler e Escrever, produzidos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Para a efetivação desta discussão, assumimos como pressupostos teóricos Bakhtin (2003), referente aos gêneros discursivos, Marcuschi (2001) sobre gêneros e oralidade, os estudos de Dolz e Schneuwly (2004), referentes a gêneros orais e escritos na escola. Visando atingir ao objetivo, analisamos os sete livros (Guia de Planejamento e Orientações Didáticas para o Professor e Coletânea de Atividades para o aluno) do Programa Ler e Escrever.

Palavras-Chave: Gêneros Orais, Trabalho didático com Gêneros, Programa Ler e Escrever.

ABSTRACT: *This article aims at investigating the use of oral genres in the books used in the Reading and Writing Program produced by the Sao Paulo State Department of Education. To investigate and discuss this material, the theoretical backgrounds are related to the theoretical assumptions which refer to discursive genres based upon Bakhtin (2003); genres and orality, Marcuschi (2001); and studies based on oral and written genres in school, Dolz' and Schneuwly' (2004). In order to achieve the objective of this investigation, an analysis over the seven books of the Reading and Writing Program (Guide of Planning and Didactical instructions for teachers, and the Collection of Activities for the Students) has been made.*

Keywords: Oral genres, Didactical work with genres, Reading and Writing Program.

0. Introdução

Este artigo tem o objetivo de investigar o trabalho com gêneros orais, nos livros do Programa Ler e Escrever, produzidos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Notamos a desvalorização dos gêneros orais em salas de aula, principalmente nos anos iniciais, onde as crianças estão em processo de alfabetização, e em momentos em que as discussões sobre a importância do ensino de gêneros para que os alunos saibam agir em diferentes situações de comunicação têm aumentado. Visto que atualmente o material do Programa Ler e Escrever está sendo usado por mais de 340 municípios e de aproximadamente 29.000 salas de aula, decidimos verificar que contribuições ele tem trazido para o ensino de gêneros orais.

Partindo do pressuposto de que a oralidade, a leitura e a escrita estão presentes em nosso cotidiano de forma articulada, uma contribuindo para o desenvolvimento da outra, cabe à escola fazer com que todos os alunos tenham o conhecimento e domínio das múltiplas funções da linguagem, já que essa possui diferentes manifestações e tem por objetivo a comunicação entre as pessoas. Segundo Rojo (2001), a escola é a mais importante agência de letramento e, sendo assim, a união de letramento, escola e os gêneros orais pode potencializar o processo de ensino-aprendizagem, já que a criança, em sua fase inicial da escrita, tende a tomar como referência os conhecimentos que têm sobre os gêneros orais de seu cotidiano, chegando mesmo a transcrever a sua fala na produção de seus textos escritos. Logo, o domínio de gêneros orais e escritos, percebendo as semelhanças e diferenças existentes entre eles, poderá garantir às crianças maior segurança no uso de sua linguagem nas diferentes situações de comunicação nas quais se encontram.

Dolz e Schneuwly (2004) e Marcuschi (2001) enfatizam a relevância de se trabalhar a oralidade, a fim de se aproveitar o discurso oral que os alunos já possuem ao ingressarem na escola, para que, futuramente, possam realizar discursos elaborados. No entanto, conforme constatou Bueno (2009 apud SWIDERSKI, 2012, p.16-17), em estudos realizados com um grupo de profissionais (professores, coordenadores, autores de livro didático, editores) de um curso de extensão da PUC-SP, os gêneros orais não têm sido tratados como objeto de ensino-aprendizagem, devido à falta de conhecimento do professor de como proceder. Ocorreria também a desvalorização dos gêneros orais, pela falta de materiais que pudessem apresentar proposições de trabalhos sistematizados, que abordassem o assunto?

Tomando como pressuposto que os materiais didáticos, os quais são embasados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), aqui

considerando que os livros do Programa Ler e Escrever deveriam, também, trabalhar com a oralidade e com gêneros orais, temos como hipótese que muito pouca atenção tem sido dada a esses objetos, o que acaba afetando o trabalho do professor e, conseqüentemente, a formação do aluno. Intencionando pesquisar sobre os gêneros orais e práticas de letramento nos livros do Programa Ler e Escrever, procedemos a uma investigação desse material.

Para apresentarmos a nossa discussão e os resultados de nossa investigação, organizamos este trabalho em quatro seções. Na primeira, apresentaremos as definições de gêneros orais e de trabalho didático com gêneros, que fundamentam a nossa pesquisa. Em seguida, abordaremos os gêneros orais e trabalhos sistematizados, descrevendo a metodologia e o percurso para a coleta de dados. Na terceira seção, trazemos os gêneros orais com os resultados de análise dos respectivos livros do Programa Ler e Escrever. Finalizando o artigo, apresentaremos as Considerações Finais.

1. Gêneros Orais no Ensino

Os gêneros orais fazem parte do dia a dia de qualquer cidadão, presentes nas conversas, nas entrevistas de emprego, nos telejornais, nas palestras, nos seminários, etc. Contudo eles vêm sendo relegados a um segundo plano em detrimento da escrita, tanto nas pesquisas quanto no ensino nas escolas.

Essa situação não é recente; ainda que sem falar em gêneros, as discussões sobre o oral já mostravam essa relação desfavorável com a escrita. Encontramos em Marcuschi (2001) uma breve contextualização histórica da visão dicotômica de oralidade e escrita. Segundo o autor, na década de 1970, pesquisadores como Goody (1997), Olson (1977) e Ong (1982) propõem a "grande divisão" entre oralidade (fala) e escrita. A partir de estudos voltados para o fato linguístico buscam-se as diferenças entre uma modalidade e outra de uso de uma língua. A tese estabelecida é de que a oralidade é contextualizada, dependente, implícita, redundante, não-planejada, imprecisa, não-normatizada, fragmentada. Já a escrita é considerada descontextualizada, autônoma, explícita, condensada, planejada, precisa, normatizada, completa, atividade tecnológica, inovação constante, analítica (SWIDERSKI, 2012, p.65).

Na década de 1980, conforme Marcuschi (2001), surge a concepção de *continuum* entre oralidade e escrita, através dos estudos de Tannen (1982), Coulmas e Ehlich (1983), Nystrand (1982), e começa-se a pesquisar as relações de semelhanças entre uma

modalidade e outra. Porém, “a suposta mudança da divisão para o *continuum* é mais retórica do que real” (SWIDERSKI, 2012, p. 65).

Sem incorrer na crítica de Street, Marcuschi (2001) mostra que é possível postular o *continuum* fala-escrita, defendendo a ideia de que se pode trabalhar a questão do letramento e da oralidade no contexto das práticas comunicativas, propondo classificar os gêneros textuais orais e escritos como: (a) gêneros tipicamente orais (GTO); (b) gêneros tipicamente escritos (GTE); (c) gêneros produzidos na interface (GTO-E) ou (GTE-O).

Nesse sentido, Swiderski (2012, p.66) destaca que, o autor exemplifica que no grupo dos gêneros tipicamente escritos estaria o artigo científico, as leis, o relatório técnico, a notícia do jornal impresso, o formulário, a carta pessoal, o bilhete, a carta comercial, o telegrama, a ata de reunião etc., por serem produzidos por meio gráfico e a partir de uma concepção discursiva escrita. No grupo dos gêneros tipicamente orais, estaria a exposição acadêmica, a conferência, a aula, a piada, a notícia ao vivo, a entrevista pessoal, o inquérito, o debate, a conversa pública, a conversa telefônica etc., por serem produzidos por meio sonoro e apresentarem uma concepção discursiva oral. Por fim, no grupo dos gêneros produzidos na interface oralidade-escrita ou escrita-oralidade estaria a notícia televisiva, a notícia radiofônica, os comunicados, os anúncios classificados, a explicação técnica.

Ao tratar do oral a partir dos gêneros, Marcuschi consegue rever a relação desfavorável entre o oral e a escrita, fornecendo assim um elemento que pode ser trazido para a sala de aula. Assim, diante do exposto, pode-se considerar que o trabalho com os gêneros discursivos/textuais, seja um ótimo objeto de ensino aprendizagem. E como apontado por Rojo (2001), a escola é um lugar enunciativo privilegiado para colocar em circulação as modalidades oral e escrita do discurso.

Portanto, de acordo com Rojo (2001), é preciso refletir sobre o papel da escola nos processos de letramentos e na construção não só das formas típicas dos discursos escritos, mas também das formas típicas da oralidade. Afinal, nas interações, mesmo com textos escritos, o oral pode estar presente, já que, por exemplo, lemos romances e os comentamos com amigos; discutimos alguma notícia cujo tema nos causa indignação e relemos poemas ou bilhetes para compartilhar com outros um texto de que gostamos.

Sendo assim, não é mais possível investigar questões relacionadas ao letramento, ou seja, às práticas da leitura e da escrita na sociedade, “permanecendo apenas no aspecto linguístico sem uma perspectiva crítica, uma abordagem etnograficamente situada e uma inserção cultural das questões nos domínios discursivos” (Marcuschi, 2001:25).

Defende o autor que trabalhar com o letramento é observar práticas linguísticas em situações em que a escrita e a fala são pontos centrais para as atividades comunicativas. Nesse sentido, caberia à escola recuperar essas situações e explorar aquelas que seriam importantes para o sucesso comunicativo de seus alunos.

Mas como fazer essa ligação entre o letramento e as práticas que envolvem a escrita e a fala? Segundo Marcuschi (2005:35): "O trabalho com gêneros é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos, no dia-a-dia. Pois nada que fizemos linguisticamente está fora de ser feito em algum gênero". Com relação ao gêneros escritos, já encontramos orientações oficiais, vide PCNs, muitos materiais didáticos, além de resultados de pesquisas. Faltaria, nesse momento, ampliarmos os nossos conhecimentos sobre gêneros orais e sobre como trabalhá-los em sala de aula.

Apesar de a linguagem oral estar presente na sala de aula, ela não é trabalhada da forma como deveria, mas incidentalmente, como mencionam Dolz e Schneuwly (2004). A criança já tem um domínio muito bom do oral quando ingressa na escola, conhecendo vários gêneros orais do cotidiano. Isso ocorre pelas conversas com os familiares, que contam acontecimentos vividos, discutem problemas, pedem informações. Mas há vários outros gêneros orais que a criança desconhece. Portanto, caberia à instituição escolar trabalhar as situações de comunicação oral presentes no dia a dia dos alunos, ampliando para gêneros da comunicação pública formal, como entrevistas, debates, seminários, entre outros.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004:175), "o papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para os confrontar com outras formas mais institucionais mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores". Pressupõe-se que essas formas são dificilmente aprendidas sem que haja uma intervenção didática que auxilie os alunos a agirem e interagirem em diferentes situações da comunicação.

Para o ensino dos gêneros orais, seguindo os pressupostos de Dolz e Schneuwly (2004), deve-se primeiramente construir um modelo didático do gênero, ou seja, um levantamento de suas características no nível do contexto de produção, da organização textual, da linguagem e dos meios não linguísticos. Isso deve ocorrer para que, posteriormente, possamos ensinar ao aluno em que situações poderá usar esse gênero, como estruturá-lo, qual linguagem e postura utilizar, ou seja, poderemos levá-lo a desenvolver as capacidades de linguagem e as capacidades não-verbais de que ele precisará para participar plenamente das situações comunicativas. Vale ressaltar que os meios

não linguísticos são recursos que fazem parte somente do discurso oral (qualidade de voz, ritmo, respiração, postura, gestos, entre outros).

A partir do modelo didático, o professor poderá propor diferentes sequências didáticas a fim de que seus alunos dominem o gênero ensinado. Ao elaborar uma sequência didática, o professor deve levar em conta os conhecimentos dos alunos, a adequação para cada série, aumentando o nível de complexidade nos anos subsequentes. Trabalhar com a diversidade de gêneros orais contribui na ampliação da consciência fonológica do aluno e do seu universo cultural e no contato constante com o mundo oral. Um gênero selecionado pelo professor e trabalhado em sala de aula proporciona o surgimento de outros gêneros, e como afirma Marcuschi (1995), "um gênero é a prática mais abrangente de forma a envolver letramento e oralidade simultaneamente". Logo, não haveria por que separar o trabalho com gêneros orais daquele realizado com os escritos.

2. Gêneros Orais e Trabalhos Sistematizados

Desde o início de 2007, formou-se na Secretaria Estadual da Educação de São Paulo a equipe do *Programa Ler e Escrever*, com integrantes do *Programa Letra e Vida*, da Cogsp, da Cenp e da FDE, com a colaboração da Diretoria de Orientação Técnica da Secretaria Municipal de Educação, iniciando o *Ler e Escrever* na Rede Estadual. Durante os anos de 2007 e 2008, promoveram-se encontros de formação com os gestores: professores coordenadores (das unidades escolares e das Oficinas Pedagógicas), diretores de escola, supervisores de ensino das escolas de 1ª a 4ª série, visando apoiá-los na difícil tarefa de transformar a escola, cada vez mais, num espaço de aprendizagem e de produção de conhecimento. Em 2011, alunos de 1º ano passam a fazer parte do *Programa Ler e Escrever*, de acordo com a Lei no 11.274/2006, pois o Ensino Fundamental passou a ter 9 anos, incluindo-se assim as crianças de 6 anos no Ciclo I, na rede pública de São Paulo.

O programa *Ler e Escrever* é um conjunto de linhas de ações articuladas que inclui formação, acompanhamento, elaboração e distribuição de materiais pedagógicos e outros subsídios, constituindo-se dessa forma como uma política pública.

O material é organizado por sete volumes de Guias de planejamento e de orientações didáticas, sendo um volume para o 1º ano (6 anos), dois volumes para a 2º ano (7 anos), dois volumes para a 3º ano (8 anos), um volume para a 4º ano (9 anos) e um volume para a 5º ano (10 anos), junto com o Caderno do Professor, o Livro de Textos do Aluno, a Coletânea de Atividades e o Guia de Estudos para Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo. Teoria e prática se complementam, ação-

reflexão-ação se sucedem; planejamento, intervenções didáticas e avaliação dialogam permanentemente.

Visando atingir os objetivos de investigar o trabalho com gêneros orais, nos livros do *Programa Ler e Escrever*, produzidos pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, a pesquisa foi realizada com a coleta de dados organizada em duas ações:

a) Leitura dos sete livros (Guia de Planejamento e Orientações Didáticas para o Professor), verificando como a expressão "gêneros orais" é tratada;

b) Leitura dos sete livros (Guia de Planejamento e Orientações Didáticas para o Professor), levantando especificamente a proposta de trabalho com os gêneros orais.

Sobre esse *corpus* foi necessário reconhecer as concepções de gêneros orais segundo o *Programa Ler e Escrever*, realizando uma leitura-estudo dos volumes do programa. Para chegar a uma consolidação acerca dos sentidos produzidos pelo uso das palavras (linguagem oral, oralidade, gênero oral, entre outros), corroborando com (SWIDERSKI, 2012, p.75), levantamos dados sobre o número de ocorrências, as seções em que os termos aparecem, destacando no texto as palavras, para posteriormente procedermos à interpretação.

Em seguida, fizemos um levantamento de quais atividades são propostas utilizando o gênero oral nos livros do *Programa Ler e Escrever*, as quais denominaremos como propostas de trabalho sistematizada.

Diante da seleção, passamos para a análise dos dados, realizando a leitura interpretativa, considerando as condições de produção de cada documento, o conteúdo, a forma em que é estruturado, relacionando com a importância de se trabalhar com os gêneros orais como contribuidores para o letramento escolar.

3. Gêneros Orais: Contribuidores para o Letramento Escolar

A análise dos dados nos permitiu chegar às seguintes reflexões, que passamos a apresentar. Conforme referido anteriormente, analisamos apenas o Guia de planejamento e de orientações didáticas, do qual fizemos uma leitura detalhada e verificamos que a expressão "gêneros orais" não é tratada no documento. As expressões encontradas foram: comunicação oral, intercâmbio oral, exposição oral, produção oral, linguagem oral, mas, segundo Bakhtin (2003), em qualquer situação de interação, recorreremos a um gênero textual, seja oral ou escrito.

Os gêneros orais são enunciados/enunciações que se materializam por meio de práticas sociais de oralidade e, segundo Dolz e Schneuwly (2004), na comunicação oral (oralidade) os interlocutores se utilizam de meios linguísticos e meios não-linguísticos categorizados como: *meios paralinguísticos* – qualidade da voz, melodia, ritmo, risos, sussurros, respiração, etc; *meios cinésicos* – postura física, movimentos de braços ou pernas, gestos, olhares, mímicas faciais, etc; *posição dos locutores* – ocupação de lugares, espaço pessoal, distâncias, contato físico, etc; *aspecto exterior* – roupas, disfarces, penteado, óculos, limpeza, etc; *disposição dos lugares* – iluminação, disposição das cadeiras, ordem, ventilação, decoração, etc.

Os sete livros do *Programa Ler e Escrever* apresentam as expectativas de aprendizagem para cada ano e ciclo. No texto apresentado, o uso da palavra “oral”, em conjunto com outras palavras como: comunicação, intercâmbio, linguagem, produção, exposição, nos remete a compreender o meio pelo qual é possível materializarmos a linguagem verbal, tendo como finalidade para tratar, quase sempre, de uma oralização da escrita, como muito bem colocado por Marcuschi (2001), uma encenação ou teatralização de textos literários ou textos escritos.

Em todos os volumes encontramos como expectativas relacionadas à comunicação oral a seguinte expressão: “**Utilizar a linguagem oral**, sabendo adequá-la às situações em que queiram **expressar sentimentos** e opiniões, defender pontos de vista, **relatar** acontecimentos, **expor** sobre temas etc.”

Observamos neste item a proposta de trabalho com gêneros orais, que levam em consideração os agrupamentos apresentado por Dolz e Schneuwly (2004), pautando no estudo da tipologia dominante as cinco capacidades de linguagem: 1) Narrar – mimeses da ação por meio da criação da intriga no domínio do verossímil; 2) Relatar – representação pelo discurso de experiências vividas, situados no tempo; 3) Argumentar – sustentação, refutação e negociação de tomadas de posição; 4) Expor – apresentação textual de diferentes formas dos saberes; 5) Descrição de ações – regulação, mútua de comportamento. Entretanto, identificamos apenas a proposta de trabalho com três dessas tipologias: expor, argumentar e relatar. Sabemos que, em nossa dia a dia, paralelamente ao uso da escrita, também narramos e descrevemos ações por meio de gêneros orais. Essa redução parece indicar uma incompreensão da relação entre gêneros orais/escritos e as questões de letramento.

Essa redução também pode ser percebida quando olhamos para as atividades apresentadas em cada livro e a quantidade destinada ao gênero oral, conforme o seguinte quadro, por nós produzido:

Quadro 1

| Série/Ano | Volume | Total de Atividades | Atividades para o gênero Oral |
|---------------------|---------------|----------------------------|--------------------------------------|
| 1º Ano (6 anos) | único | 38 | 03 |
| 2º Ano (7 anos) | 1 | 27 | 02 |
| 2º Ano (7 anos) | 2 | 27 | 01 |
| 3º Ano (8anos) | 1 | 48 | 0 |
| 3º Ano (8 anos) | 2 | 55 | 0 |
| 4º Ano (9 anos) | único | 83 | 10 |
| 5º Ano (10 anos) | único | 67 | 5 |

Guia de Planejamento e Orientações Didáticas (Programa Ler e Escrever)

Nota-se um baixo número de atividades com gêneros orais no conjunto das atividades. No guia do 1º Ano (6 anos), o manual traz orientações sobre situações de leitura e escrita de nomes, situações de escrita pelo professor, situações de leitura pelo aluno, situações de ditado para o professor, situações de leitura pelo professor, bem como sugestões de atividades para cada modalidade citada. Em seguida, apresenta dois projetos didáticos totalizando **trinta e oito** sugestões de atividades. Das atividades sugeridas, encontramos **três** sugestões que sinalizam para um trabalho com a língua oral, porém com finalidades para a produção escrita, ou para expor um tema estudado.

As atividades propostas foram: "Atividade 4 C: Ensaio para a "tarde de brincadeira" – Desenvolver habilidades de **comunicação oral** – ensinar uma brincadeira a um grupo de crianças". (SÃO PAULO, 2011, p. 121). "Atividade 4B: Discussão em quartetos. Antes de se dedicar a escrita, **faça oralmente um levantamento** do que pode ser escrito (idem, p. 164)"; e "Atividade 6E: Ensaio para a apresentação – **Desenvolver habilidades de comunicação oral.**" (ibidem, p. 190).

No guia do 2º ano (7 anos), no volume 1 foram sugeridas **vinte e sete** atividades e no volume 2 mais **vinte e sete**, totalizando **cinquenta e quatro** sugestões de atividades. Dentre as atividades sugeridas, encontramos duas propostas no volume 1 e uma no volume 2, totalizando **três** atividades que sinalizaram para um trabalho com a língua oral. Sendo duas com a mesma finalidade: Produção Oral com

destino escrito. "Atividade 9: **Produção oral com destino escrito** - Diferenciar a linguagem escrita da linguagem falada. Organizar, oralmente, um texto em linguagem escrita. (p.102)." e "Atividade 15: **Produção oral com destino escrito** - Perceber a diferença entre **linguagem oral** e linguagem escrita. Desenvolver comportamento de escritor: planejar o que irá escrever, rever enquanto escreve, escolher uma entre várias possibilidades, rever após a escrita etc. Participar de uma situação de escrita de texto de divulgação científica, utilizando a linguagem, a organização e as expressões próprias desse gênero." (p.87).

Para compreendê-las melhor achamos pertinente trazer uma proposta:

Encaminhamento

- Explique aos alunos que vocês escreverão um texto com tudo que aprenderam sobre a anta, para colocar no mural dos animais (produto final do projeto de estudo).
- Dedique inicialmente algum tempo para organizar os tópicos, uma etapa muito importante para planejar a produção do texto. Pergunte aos alunos quais assuntos costumam aparecer em textos sobre animais e faça uma lista na lousa, que servirá para orientar a escrita. É provável que mencionem informações sobre alimentação, características físicas, lugar onde o animal vive, reprodução e cuidado com os filhotes e outros dados.
- Releia as anotações e procure agrupá-las de acordo com os assuntos citados.
- Pergunte aos alunos como acham que o texto deve começar e discuta com eles as várias possibilidades; quando chegarem a uma conclusão, escreva na lousa em letra bastão. Coloque questões que os façam refletir sobre a linguagem escrita. Por exemplo:
 - Esta é a melhor forma de escrevermos isso?
 - Será que o leitor vai entender o que queremos dizer? Como podemos fazer para ficar mais claro (ou explicar melhor aquilo que lemos)?
 - Falta alguma informação sobre esse assunto?

(SÃO PAULO, 2011)

Essa atividade, apesar de ter um foco na produção escrita, permite ao aluno a participação em situações de interação oral, adequando tanto a linguagem como o discurso à situação e ao contexto de produção, possibilitam aproximar da linguagem própria de cada gênero discursivo, além de compreender e aprender o que significa o processo de elaboração de um texto em toda a sua complexidade, no entanto, a proposta não é a de ensinar um gênero oral.

Já no guia do 3º ano (8 anos), no volume 1 encontramos aproximadamente **quarenta e oito** atividades sugeridas e no volume 2

cinquenta e cinco, totalizando **cento e três** atividades, porém foi nesse manual em que **não encontramos** um trabalho efetivo com o gênero, apresentando somente as prescrições das atividades permanentes.

No guia do 4º ano (9 anos), encontramos **oitenta e três** sugestões de atividades e dentre as descritas destacamos **duas** atividades de produção oral com destino escrito e **oito** atividades de trabalho efetivado com gêneros orais, sendo da modalidade de seminário.

ATIVIDADE 2c: **EXPOSIÇÃO ORAL** sobre a história da imprensa: Familiarizar os alunos com uma situação de **seminário** a partir de uma exposição apoiada num esquema, elaborado com o tema em estudo. Refletir sobre a função do esquema e as situações em que podem ser úteis. Participar adequadamente de uma situação de **exposição oral**. (p. 103).

Neste guia, pudemos observar, através da sequência didática proposta, alguns passos que são sugeridos no Modelo de Didático de Gênero (MDG) proposto por Schneuwly e Dolz (2004b), que “consiste em um estudo sistematizado com um número significativo de textos de um dado gênero, visando a conhecer suas características predominantes” (SWIDERSKI, 2012, p.41) e a partir do modelo didático possibilitará que se construam inúmeras sequências didáticas. Pudemos chegar a tal conclusão pelas descrições das etapas, que constam nesse volume.

Selecione um ou dois esquemas produzidos pela turma para que possam servir de referência para aprenderem mais sobre como se organiza um bom esquema e apresente para o restante da classe. Faça seu próprio esquema sobre um dos textos lidos por um dos grupos ou apresente um dos tipos de esquema que consta no final deste trabalho. Isto é muito importante, pois pode ajudar a turma a refletir sobre as diferentes formas de organizar esquemas e sua utilidade em uma **exposição oral**. (p. 116) [.....] ATIVIDADE 5B: ESTUDO DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO SEMINÁRIO - Conhecer as principais características da exposição oral. (p. 117 - 118)”.

Schneuwly e Dolz (2004) defendem que a sequência didática pode apresentar a seguinte organização: a) produção inicial para se verificar os conhecimentos prévios dos alunos; b) módulos intermediários, divididos em diferentes seções, abordando as características da situação de produção, da organização textual, dos aspectos linguístico-discursivo a e dos meios não-linguísticos; c) produção final para se verificar o

quanto o aluno avançou no decorrer do trabalho com essa sequência didática.

Esquema este que se evidencia na proposta de trabalho da Atividade 5B: Estudos de algumas características do seminário, da página 118, onde primeiramente é solicitado que *“Converse com os alunos sobre o seminário, suas principais características”* (p.118). Em seguida é proposto aos alunos que leiam e discutam um texto sobre *“Exposição oral na sala de aula”* o qual posteriormente será destacado as informações importantes. Em seguida é proposto aos alunos a fazerem um *“levantamento coletivo de tudo o que os alunos precisam pensar para uma apresentação”* (p. 120).

Após a primeira parte, é proposto que os grupos conversem e organizem seu material. Nesta etapa é necessário pensar na estruturação do conteúdo, linguagem, hierarquia entre títulos e subtítulos. Em seguida a sugestão é que os alunos façam um primeiro ensaio-apresentação somente entre os integrantes do grupo e em um segundo momento um ensaio-apresentação para a classe, observando as características importantes de uma apresentação. Antes das apresentações trabalhar com os alunos como deve ser a postura dos ouvintes e as notas que devem fazer durante o seminário.

No último guia analisado, do 5º ano (10 anos), encontramos aproximadamente **sessenta e sete** atividades propostas e das quais, **cinco** atividades propostas são utilizadas para o gênero oral (seminário).

Conforme constatado anteriormente, a sequência didática, prevê o levantamento prévio dos alunos com relação à temática:

ATIVIDADE 5A: INVESTIGANDO SABERES DOS ALUNOS A RESPEITO DE UMA **EXPOSIÇÃO ORAL** - Compreender como se organiza e realiza uma **exposição oral**. Por meio de uma produção inicial – planejamento e apresentação de uma exposição oral a respeito do tema do seminário que coube ao grupo –, tomar ciência do que já sabem sobre uma exposição oral e o que ainda precisam aprender. (p. 138)

Organizam e estudam sobre o gênero:

ATIVIDADE 5B: ANALISANDO RECURSOS DA ORGANIZAÇÃO INTERNA DE UMA **EXPOSIÇÃO ORAL** - Estudar diferentes expressões que podem ser utilizadas para articular as diversas partes de uma exposição oral, encadeando-as adequadamente para: a) apresentar o tema; b) apresentar o plano de exposição; c) introduzir exemplo; d) introduzir explicações sobre termos difíceis; e) sintetizar a exposição realizada e preparar para a conclusão; f) analisar o propósito das expressões nos diferentes

enunciados, relacionando as escolhas feitas à finalidade e ao sentido produzido. g) constituir um repertório de expressões que podem ser utilizadas no planejamento da **exposição oral**. (p. 141)

E por fim apresentam a produção final e verifica-se o quanto o aluno avançou:

ATIVIDADE 6: AVALIAÇÃO FINAL DO TRABALHO - Realizar uma avaliação colaborativa do trabalho desenvolvido, considerando os diferentes aspectos: o estudo temático, o planejamento da exposição oral, o planejamento do seminário, considerando os diferentes grupos, a participação nas atividades durante o desenvolvimento, a elaboração do produto final. (p. 147).

De acordo com Swiderski (2012, p.45), "a sequência didática, ao atender os critérios básicos, revela-se numa significativa metodologia para ser utilizada pelo professor no planejamento e execução de projetos de ensino".

Frente à análise dos sete livros do *Programa Ler e Escrever*, pudemos constatar que grande parte das atividades propostas, são situações mediatizadas pela linguagem oral (comentários oralmente a respeito de diferentes temáticas). Nesse caso, pressupõe-se que os alunos utilizarão uma fala improvisada em situações de interlocução conversacional, ou seja, conforme Dolz e Schneuwly (2004), o oral espontâneo. Outras atividades fazem o uso da linguagem, às vezes, de mera comunicação oral para a preparação da escrita, sem a reflexão de suas utilizações, podendo-se confirmar a citação de Schneuwly (2004, p.133), "o oral que se aprende é o oral da escrita; aquele que prepara a escrita, pois permite encontrar ideias, elaborar uma primeira formulação (...) aquele que é senão a oralização de um texto escrito".

Das poucas atividades propostas com os gêneros orais, pudemos encontrar apenas um trabalho sistematizado, uma sequência didática, a qual propõe reflexões e conhecimento sobre a linguagem oral. Percebemos o quanto é possível sistematizar o ensino da oralidade em sala de aula a partir de modelos didáticos e sequências didáticas. Porém, nos inquieta o fato de aparecerem somente para os anos finais do Ensino Fundamental I, 4º e 5º anos, já que as crianças têm como primeira referência a linguagem oral com seus variados gêneros.

4. Considerações Finais

Neste artigo, pudemos observar, de um lado, uma abordagem teórica que nos aponta para a necessidade de definir o conceito de gêneros orais e a possibilidade de que se pode trabalhar a questão do

letramento e da oralidade no contexto das práticas comunicativas; de outro, como essas práticas têm sido efetivadas e propostas em um material didático específico.

Verificamos que as prescrições do material sinalizam um caminho para o ensino com gêneros orais, porém, ainda falta conhecimento prático e maiores orientações para a utilização e efetivação, uma vez que, para que ocorra esse ensino, faz-se necessário um trabalho de análise, a fim de se fundamentar as possibilidades de um trabalho didático que efetivamente contribua para o letramento das crianças.

Ao priorizar a escrita e colocar o oral a serviço desta, assume-se uma perspectiva menor de letramento que muito prejudica os alunos, já que lhes passa a falsa ideia de que nas relações de comunicação o domínio da escrita por si só poderia levar a situações bem sucedidas. Negligenciam-se, assim, as relações entre leitura, escrita, fala e escuta, ou seja, dos gêneros orais com os escritos em um contínuo na escola e na vida.

Portanto, para um trabalho com gêneros orais, ainda há um significativo caminho a percorrer. Contudo, parece que já há algum indício de que a situação está se alterando, ao menos para os alunos mais velhos, conforme as propostas de seminários vistas no material. Faz-se necessário agora perceber que os gêneros orais fazem parte da vida de todos, principalmente dos alunos menores.

5. Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BUENO, Luzia. *Gêneros orais na escola: necessidades e dificuldades de um trabalho efetivo*. Revista Instrumento. V. 11, n. 1, UFJF, jan./jun. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Gêneros textuais & ensino*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

_____. Fala e escrita: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos. Texto digitado, apresentado em mesa-redonda no II Encontro Nacional sobre Fala e Escrita. Maceió, novembro de 1995.

Zani, Juliana Bacan & Bueno, Luzia. Os gêneros orais no programa ler e escrever do Estado de São Paulo. *Revista Intercâmbio*, v. XXVI: 114-128, 2012. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

_____. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco "falada". In: DIONISIO, A. P; BEZERRA, M. A. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros Orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. *Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas; Professor alfabetizador – 2º ano / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; concepção e elaboração, Claudia Rosenberg Aratangy... [e outros]*, - São Paulo: FDE, 2011.

ROJO, Roxane. Letramento Escolar, Oralidade e Escrita em sala de aula. Diferentes Modalidades ou Gêneros do Discurso? In: MARCUSCHI, Luiz Antonio et al; SIGNORINI, Inês (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SWIDERSKI, Rosiane Moreira da Silva. Grupo de estudos para formação continuada de docente em língua portuguesa: os gêneros orais como objeto de ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado. – Cascavel, PR, 2012.